

O AMOR NO BRASIL: UMA HISTÓRIA DE PRODÍGIOS DE SENTIMENTOS E DE EXPRESSÕES LIGADAS E DESIGNADAS PELO SEU TEMPO

THE LOVE IN BRAZIL: A HISTORY OF MIRACLES AND EXPRESSIONS OF FEELINGS INVOLVED AND DESIGNED BY ITS TIME

Pricila Damazio de Jesus*

RESUMO

Este trabalho busca expor o amor como um prodígio de sentimentos e uma expressão ligada ao seu tempo, relatando o caminho do amor e das manifestações amorosas no Brasil ao longo dos séculos e procurando evidenciar que antes do final do século XIX, todo o Ocidente cristão viveu um cenário de opressão ilimitada e, desde a vinda dos portugueses, os versados em Teologia habituavam-se em aniquilar tudo o que referia-se ao corpo, repelindo o prazer e enaltecendo a pureza feminina, o que conduziu à imposição de uma severa ética sexual, que durou até os anos 50 do século passado. Dessa maneira, traça-se a seguir a trajetória do amor nesse país, desde o período colonial, até o tempo posterior às revoluções contemporâneas, em que o sexo tornou-se uma questão de higiene e o amor ressurgiu como um ideal inatingível, que hoje incita uma sexualidade maquinal, despida de amor e subjugada ao prazer físico.

PALAVRAS-CHAVE: História. Amor. Brasil.

ABSTRACT

This work seeks to explain the love as a prodigy and an expression of feelings related to its time, about the path of love and its expressions in Brazil over the centuries and seeks to show that before the end of the nineteenth century, the entire Christian West experienced a scenario of unlimited oppression. Since the arrival of the Portuguese, the versed ones in Theology become accustomed to destroy everything related to the body, repelling the pleasure and praising the female purity, which led to the imposition of a severe sexual ethics which lasted until the 50s of last century. Thus, this work traces the path of love in this country since the colonial period, until the time after the contemporary revolutions, in which sex has become a matter of hygiene and love re-emerged as an unattainable ideal, which now encourages a mechanical sexuality, of love and naked overwhelmed the physical pleasure.

KEYWORDS: History. Love. Brazil.

* Possui Licenciatura Plena em História pela Faculdade de Educação Ciências e Artes Dom Bosco (2008), como bolsista integral do Programa Universidade para todos. Atualmente, é pós-graduanda em História Política: cultura e sociedade, professora de História no Ensino Fundamental II e é aluna especial na disciplina História da Educação I no curso de Pedagogia da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (IBILCE - Campus de São José do Rio Preto).

INTRODUÇÃO

O amor, um prodígio de sedução, um encantamento que apenas artistas e, quem sabe os amantes, podem falar algo; composto por embates imprevistos ou por eventualidades benéficas; é como um abalo intenso que entusiasma, cega, seduz, desordena e, tardiamente, ludibria, uma vez que esse abalo causa efeitos seqüentes – o desejo ou paixão –, com um ser sendo descoberto como o ponto principal, a parte essencial de tudo o que há. Assim, aqueles que amam desfrutam de sentimentos indecifráveis, contrários à razão e à consciência, padecendo de emoções como se elas fossem funestas. Portanto, amar é primordialmente definir o escolhido pelo coração e então notá-lo, selecioná-lo e singularizá-lo. Por conseguinte, o eleito será inconfundível, elevado e longínquo, não sendo o amor uma problemática de ordem conceitual, mas de vida, de sensibilidade, de estética e poética.

Dessa maneira, verificamos que o amor e suas praxes são intrínsecos da profundidade da natureza humana e cada cultura determina um lugar exclusivo em seu conjunto de leis ou princípios regulamentadores e o representa de forma própria. Porém, o que é o amor: sentimento inalterável ao longo da História ou expressão ligada e designada por seu tempo?

Devemos considerar que desde a década de 70, as inúmeras modificações sofridas nos costumes e na vida privada dos brasileiros não permitem dúvidas com relação a essa questão: o contraceptivo e os debates sobre o aborto, o feminismo e os movimentos de minorias, o aumento dos casamentos livres, a nudez exposta na mídia e na publicidade e a libertação da palavra e do olhar modificaram a vida dos indivíduos e a sua forma de enxergar o sentimento tratado, uma vez que esse movimento de independência dos corpos e das almas está inscrito na História e teve início no final do século XIX, momento em que a mentalidade de casar-se por amor e de ter uma sexualidade verdadeira passou a ser a base da felicidade entre os cônjuges. Todavia, antes desse período, todo o Ocidente cristão (inclusive o Brasil), viveu um período de opressão e repressão ilimitadas, com uma “ética sexual” (PRIORE, 2006: p. 13) sendo estabelecida com severidade, durante uma longa data, embebendo as mentalidades e proibindo que amor e sexo estivessem unidos até a metade do século XX. E, é devido à força dessa cruzada moral travada pela igreja e praticada pela família e pela educação, contra a união entre amor e sexo, e, entre corpo e alma, que inúmeros escritores pensam o amor romântico como serôdio, pois ele nasceu só ao longo da industrialização e da urbanização que começaram no continente europeu do século XVIII.

Na verdade, parece que os ocidentais passaram de uma fase na qual o amor era algo ideal e inalcançável – a Idade Média –, para uma nova em que se buscou receosamente ligar o

espírito à matéria – o Renascimento –, regressando para outra, na qual a Igreja e a medicina almejavam isolar a paixão e a amizade, dividindo e determinando uma como intrínseca ao matrimônio e a outra desprendida do mesmo – era a Idade Moderna. Depois, veio o Romantismo do século XIX, que agregava amor e morte e foi seguido pelas revoluções contemporâneas, nas quais o sexo tornou-se uma questão de higiene e o amor reapareceu como um ideal jamais alcançado. Por isso, fica evidente que a vida privada e todos os sentimentos que ela engloba, não se livrou nem no Brasil e nem no mundo, de um vagaroso desenvolvimento de mentalidades e atitudes. Entretanto, se a revolução sexual foi, primeiramente, refletida como uma liberação perante as regras de uma sociedade puritana e conformista, hoje ela impulsiona uma sexualidade maquinal, sem amor e subjugada ao prazer físico.

Enfim, o presente trabalho almeja traçar um vasto e simples cenário dos quesitos mais relevantes tocante à história das práticas e dos hábitos, dos ideais e das fantasias amorosas que reinaram no Brasil, alertando que os perigos dessa apreciação foram vários, uma vez que homem e mulher, no passado, fomentavam pensamentos completamente distintos de nossas mentalidades de existência e mundo, sendo que esses pensamentos instigavam não somente suas atitudes e condutas, mas ainda seu intelecto e suas obras, revigorando-se através de pensamentos equivalentes que seus contemporâneos apregoavam. Assim, releva-se que para a compreensão dos antepassados, há uma certeza – o ser humano deve ser entendido em sua contextualização. Por isso, não é a mentalidade atual que serve de conexão, mas a de cada período exposto.

Além disso, há os perigos e problemas de dissertar sobre o amor das pessoas modestas, analfabetas, da camada menos favorecida da sociedade brasileira, pois resgatar o que elas sentiam e aquilo que pensavam sobre o amor é um exercício complexo para o pesquisador, ainda mais dificultoso quando a abordagem é sobre o contingente silencioso formado pelos escravizados, em que o tradicionalismo oral perdeu-se no tempo. Vale ressaltar ainda, que a metodologia usada para a realização dessa pesquisa foi a qualitativa, sendo embasada em análise de textos/obras referentes ao assunto – levantamento, fichamento e aplicação – análise de conteúdo e estudos de caso através de leituras, fichamentos, resumos e resenha de obra.

CINCO SÉCULOS DE AMOR: do domesticado ao maquinal

Quando alcançou o Novo Mundo, apesar de encontrarem diversas peculiaridades e de verificarem que viver na colônia não seria o mesmo que viver na metrópole, os portugueses

conduziram para essa região suas formas de viver o amor, em um cenário de relações amorosas e sociais manchadas por uma colonização caracterizada como uma autêntica cruzada espiritual para aculturação dos povos nativos, que almejava regular o dia-a-dia dos indivíduos “pela orientação ética, pela catequese e pela educação espiritual” (IBID, p. 22), praticando ainda rígida vigia nas doutrinas e nos costumes através da confissão, do sermão dominical e das invasões/investigações da Santa Inquisição, presentes no Brasil entre os séculos XVI e XVII, cuja principal atuação foi no âmbito da estrutura familiar e do domínio da sexualidade.

Sendo assim, o amor, enaltecido na escrita e trazido da metrópole, estava longe de ser o que se vivia na realidade cotidiana, pois com a existência da Igreja católica e seu objetivo de cristianizar o território colonial, o que foi trazido estava muito atrás e afastado da prosa e do verso. O patriarcalismo e o machismo, ao serem transportados para o Brasil, trouxeram consigo uma idéia de intensa desigualdade entre o homem e a mulher, tendo ele direito à vida pública e ela, à vida privativa. Para isso, a Igreja naquele período, enraizada pela mentalidade patriarcal, abusou das relações de soberania que norteavam o relacionamento entre os sexos, sendo que a mulher era submetida à escravidão doméstica, justificada pelo zelo com a casa, pelos atos de cozinhar, lavar roupa e prestar serviços sexuais ao caudilho da família.

Essa mentalidade teve como resultado a existência simultânea de dois gêneros de comportamento sexual – um matrimonial, domesticado e focado apenas na reprodução, e o outro, extramatrimonial, especificado pela paixão e pelo desejo de prazer. Os matrimônios só ocorriam se fossem interessantes financeiramente e se resolvidos racionalmente. Quanto à assustadora paixão, ela ocorria e também o amor do jeito que “o Diabo gosta” era praticado, mas através de códigos que variavam entre os distintos grupos sociais ou étnicos, com eles afastando os envolvidos da trajetória institucional, tornando-os perdidos. Inegavelmente, o que houve foi uma fortuna de destreza e de criação no caminho traçado pelos colonizados, que eram conduzidos para lugares não planejados. Assim, os registros históricos desse período nos revelam o concubinato, os relacionamentos consensuais, os filhos não legítimos e o adultério como sinais dos momentos em que a racionalidade era esquecida.

O período luso-brasileiro foi marcado pela subsistência rural da maioria dos colonizados e por uma classe rica e analfabeta, justificada pela carência de bibliotecas e escolas. A escravatura mantinha o desenvolvimento das famílias mestiças com costumes e valores distintos e uma pluralidade cultural que concedia traços específicos para as demonstrações sobre sentimentos e amores. Assim, eram somente os componentes das camadas subalternas que obtinham a liberdade para escolher seu parceiro, pois semelhante ao campesinato

européu, a camada baixa da colônia não possuía vantagens político-econômicas a garantir e acabavam permitindo que suas sensações amorosas emergissem. Dessa maneira, a maioria da população vivia em estado de mancebia e, ainda assim, verificava-se sinais de amor, demonstrações de ternura e prudência no dia-a-dia afetivo.

Outro fato é a singeleza e quase simplicidade do cenário de sedução dos colonizados, pois era limitado à promessas, locais calmos (mas sem privacidade) e à pobreza dos envolvidos, o que englobava sua grande parte populacional e confeccionava várias famílias lideradas pelo sexo feminino.

Ressalta-se que aqueles que se acreditava seguir fielmente a doutrina contra-reformista – os sacerdotes – não estavam isentos de suspeita, pois muitos eram assediados e assediavam, ajudando a confeccionar o avesso da história: o confessionário passava a ser o local ideal para a aproximação com mulheres fatalmente atraentes. Mas, além disso, nas Igrejas católicas desabrochava-se romances e também se abrigava os amantes, nelas cedia-se lugar à sedução e ao prazer e, às vezes, “Deus dava licença ao Diabo...” (IBID, p. 42).

Todo esse contexto do período colonial brasileiro apenas passa a sofrer modificações e, ainda assim, gradativamente, durante o século XIX, pois aos poucos a distinção entre o amor intrínseco ao matrimônio e o amor exterior a ele foi sendo dissolvida, ao menos no ideal dos eruditos. A partir daí, uma nova mentalidade matrimonial, trazida da Europa pela literatura, vai se impondo, variavelmente, nos inúmeros grupos sociais e, através dela, o sensualismo extramatrimonial tinha que adentrar o matrimônio, afastando o recato tradicionalista. Com essa mentalidade, impôs-se um único gênero amoroso – o amor-paixão – enquanto os ideais que atrasavam esse triunfo começavam a ser depositos, com a sociedade aproximando os dois gêneros de amor que, pela tradição, se opunham.

Vivendo no cenário do século XIX, inúmeras e consistentes mentalidades compostas na fase de colonização não tinham sido abandonadas e os relacionamentos ou sentimentos eram feridos pela falta de igualdade, pela escravização e pelo efeito patriarcal, havendo uma espécie de moral duplicada para as mulheres, moral que era sua direção, futuro e fatalidade. Esse século foi uma idade de anseios subjugados e fracassados, que foi inaugurada com um sopro de romantismo e encerrada com um higienismo apático de confidentes e médicos. Segundo Priore (2006), foi uma centúria hipócrita que repreendeu o sexo, mas teve obsessão por ele. Época em que acautelou-se a nudeza, porém a espreitou, que determinou normas aos cônjuges, contudo, libertou os prostíbulos.

É inegável que ao seu decorrer foi criado outro código amoroso, entretanto, a desgosto do romantismo, o matrimônio era estruturado como um controle da sociedade. Em uma

conjuntura de escravatura, na qual as pessoas do sexo feminino que fossem livres ou trabalhassem conseguiam ter benefícios; na qual o concubinato prosseguia vastamente propagado e o matrimônio era por inúmeros motivos preterido; na qual os endógamos foram personagens reais, mas ganhou nova roupagem com a maciça imigração européia. Contudo, unido com a fascinação pelos dedos estendidos e pelos pés pequeninos, o décimo nono século introduziu também o beijo com capacidade de transformar, transmutar. Assim, o ato de beijar substituía as linguagens de conquista, com o primeiro contato labial sendo um acontecimento de maior romantismo do que a bolina dos pés.

Mas, mesmo com a multiplicação dos lugares para os encontros, mesmo com a juventude podendo conhecer-se, podendo permutar sentimentos e até assumir um namoro, as razões para um matrimônio prosseguiam distantes dos sentimentos. Abandonava-se quaisquer temas que estivessem correlacionados ao sexo e o sistema se autonutria, com mães educando para depois entregar as jovens à um macho, sendo um casamento por negócio, para a moça, o esplendor de seu ensino e o ingresso na fase adulta. Nessa fase, centralizou-se o universo de imaginação das mulheres na tese pudorosa, uma vez que elas sequer reconheciam seu conteúdo físico e qualquer reprodução do aspecto feminino era difamada.

Enfim, mesmo com as transformações, no final do século XIX e início do XX, se no campo literário o amor era tratado como uma coisa remota e impossível de se efetivar, no cotidiano ele se uniu à linguagem, com as maneiras de proferir esse sentimento sendo impregnadas da cultura dos mestiços e mulatos.

Abrem-se agora as cortinas do palco para a centúria seguinte, partindo da transição do período oitocentista para o posterior, ao longo da consolidação do sistema republicano, em que se caminhou, vagarosamente, uma empedrada trajetória almejando-se a ousadia das pessoas para libertarem-se da preponderância religiosa, familiar, social e trabalhista. Assim, os reformados modos de se portar, manchados por grande mutação da sociedade e da economia, iniciados no final do século XIX, instigaram as maneiras de pensamento e de se viver, estimulando, na metade do vigésimo século, um extraordinário rompimento ético nos relacionamentos entre ambos os sexos, que, lentamente, foram dissipando os moldes que lhes eram ditados e passaram a sujeitar-se à maiores perigos.

Nesse contexto, a mulher passou a pronunciar muito mais negações e o alfabeto matrimonial transformou-se, com os indivíduos começando a selecionar seus parceiros, pois os relacionamentos passaram a ser fundamentados nos sentimentos mútuos, uma vez que a união por interesse tornou-se uma atitude indecorosa e o amor o alicerce do relacionamento. Paralelamente a esses costumes, percebemos que a exposição corporal começou a aumentar,

com a voga de praticar esporte e natação, uma vez que os encontros de homens e mulheres em momentos desportistas eram, evidentemente, símbolo de transformação nos relacionamentos sociais. Assim, a mulher renuncia a coiraça de vestidura que aludia à uma defesa dos anseios másculos ao longo de todos os cem anos anteriores e passam a andar de bicicletas ou a ocupar-se com o tênis, moda trazida do continente europeu.

Seres antagônicos, tanto biologicamente, quanto mentalmente, o homem e a mulher eram considerados como simples transcrição de suas posturas físicas no ato sexual: um afana, submete, introduz, toma; a outra seduz, cede, rende-se, aceita, uma vez que as mais variadas teses impõem que era em casa, no interior familiar que se firmavam os mais ansiados e legalizados atos sexuais, vistos como dignos e higiênicos.

Inclusive, o beijo estende-se e a totalidade da população o reproduzia, sendo que ele também passou a simbolizar o namoro. Todavia, mesmo nas áreas mais modernizadas, certas distinções prosseguiram, persistindo a divisão de relação séria para contrair matrimônio e, em contrapartida, a relação para o deleite momentâneo. As transformações são evidenciadas pelo fato de que as pessoas passaram a beijarem-se, tocarem-se e a acariciarem-se sobre o vestuário. Porém, ainda coexistiam com o constrangimento corpóreo.

Assim, foi entre os anos 60 e 70, que surgiu o resultado tão vagarosamente maturado – era a denominada *Revolução Sexual*. Nessa peça, nova ação ocorre com a chegada da pílula anticoncepcional no país. A juventude isenta da sífilis e distante do HIV, passava a saborear de tudo. O *rock'and'roll* inaugurou os compromissos da época: descanso, educação, automóveis, rapidez e, o essencial, amor. Além disso, suas características denotavam a ação rebelde perante a moral e o domínio dos adultos. Um anseio ilimitado de degustar o estilo *hippie* e os cabelos longos se convencionavam entre os brasileiros. As canções de Bob Dylan e Joan Baez faziam fluir, por todo mundo, os ideais de paz, liberdade sexual, drogas como emancipação do intelecto e, novamente, do amor. Nos países em que a maioria dos habitantes professava a religião protestante, firmava-se uma libertina sensualidade não conhecida até então. Todos esses aspectos, acrescidos das mudanças da economia e da política, colaborou para compelir certos obstáculos. Mas, apenas certos obstáculos, pois nas capitais e nos sistemas educacionais, a juventude começa a subtrair-se das imposições dos sistemas familiares. Reuniões envoltas por festas, festivais de canções, práticas esportistas, instituições escolares e universitárias, cinemas e, depois do segundo conflito mundial, a disseminação de boates e clubes para a noite tornaram as jovens e os moços gradativamente mais desprendidos, uma vez que dançar transformara-se no salvo-conduto para amar, em um inédito universo que se empenhava para alcançar a rebeldia.

Enfim, em uma época de tantas transformações, a função da tradicionalista família católica do Brasil, cujo papel poderoso de agente da moralização, embora bastante arraigada, foi abrindo horizonte para o individualismo imperante na sociedade atual. Ao longo do século XX, a instituição familiar abandonou a estrutura patriarcal do centenário antecedente, ao mesmo tempo em que colaborava com a consolidação da união romântica, iniciada na centúria anterior. Então, ambos os sexos escutavam e respeitavam o sentimento, com os familiares, no máximo, recomendando que os descendentes zelassem com a escolha amorosa, para evitar o mau casamento. Os ambientes para eleger-se o futuro esposo ou esposa expandiram-se. As tomadas de atitude dos homens para o namoro cumpriam uma progressão, mas nada de toques íntimos, pois aquela que não se comedisse prosseguia sendo mal taxada.

Nas camadas médias, os moços iniciavam a vida sexual com mundanas, empregadas domésticas ou parentes mais humildes, porém, para o matrimônio, a predileção era pelas virgens, mas não só, pois procurava-se uma companheira e interlocutora, já que o ato de dialogar começava a moldar os relacionamentos para união, pois fora extinto aquele relacionamento vertical entre o marido e a mulher. A compreensão envolta na educação dos rebentos, na contabilidade doméstica e nos hábitos cotidianos era essencial. Mas, o sexo feminino vê-se dividido entre o anseio de trabalhar e o de seguir como soberana dentro de casa. Além disso, declinou a aceitação com as traições dos homens, sendo que os filhos, sempre mais evitados, tornam-se o núcleo da vivência entre família. Na verdade, o sentimento de amor-paixão e o deleite sexual seguem sendo ainda mais valorados e a modernização familiar e moral se dilata até a classe mais baixa da população.

No final desse período, nasceu outro movimento, resultante de séculos de mudanças e que buscou isolar a sexualidade, o matrimônio e o amor, constituindo uma fase de passagem, bastante pausada, do amor poético e suave para a sexualidade impreterível. Dessa maneira, todos passam a almejar o casamento após a intimidade completa; as moças consideradas sem anseio sexual passam a serem rejeitadas por seus companheiros; o sexo feminino começa a dialogar sobre orgasmo e o controle da procriação, devido ao anticoncepcional, vai corroborar com essa liberdade, uma vez que a ciência impõe-se sobre a concepção de pecado sexual.

Enfim, ao longo de toda história do amor a união e a sexualidade foram controladas, sendo que apenas o sentimento, embora toda a sujeição, prosseguia liberto. Mesmo com o descobrimento, na década de 80, dos perigos da aids, a sexualidade foi isentada do comando da Igreja, assim, ao contrário, a carência de desejos é que começa a ser atacada. O matrimônio, estabelecido sobre o amor, deixou de ser um dever e fugiu dos artifícios religiosos ou familiares. Já a separação deixou de ser indecorosa, sendo que tanto o marido,

quanto a esposa, passaram a ser tratados igualmente diante da constituição e a satisfação própria firmou-se acima de qualquer circunstância, já que rejeita-se o desapontamento e a acusação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o estudo percebemos que a sexualidade e o amor sofreram um extenso processo que transpôs a interdição do prazer e conduziu ao seu direito. A partir de então, tanto o sentimento, quanto a satisfação, transformaram-se em obrigações, pois agora a proibição é reversa – foi imposto o ditame do orgasmo, com a erotização adentrando o campo de valores e o prazer, por vasto tempo coagido, transformando-se em primazia incontestável, praticamente subjugando o matrimônio e a afetividade. Transmutou-se das ervas afrodisíacas para a cópula perante prescrição médica e do domínio do patriarcalismo à libertação feminina. Nesse contexto e tocante à história das práticas e dos hábitos amorosos que marcaram no Brasil, concluí-se que além de prodígios de sentimentos, são expressões ligadas e designadas pelo seu tempo, uma vez que na atualidade as pessoas não se enamoram da mesma maneira que no período colonial e as mudanças ocorridas nesse longo percurso são resultados de influências e ações externas e culturais que predominaram de maneira e grau distintos em cada cenário brasileiro.

REFERÊNCIA

PRIORE, M. D. *História do amor no Brasil*. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2006.

BIBLIOGRAFIA RECOMENDADA

ALENCASTRO, L. F. de (org.). *História da vida privada no Brasil: Império*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

FAUSTO, B. *História do Brasil*. São Paulo: Edusp, 1994.

SCHWARCZ, L. M. (org.). *História da vida privada no Brasil: Contrastes da intimidade contemporânea*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SEVCENKO, N.; NOVAIS, F. A. (orgs.). *História da vida privada no Brasil: República*. São Paulo: Companhia das Letras: 1998.

SOUZA, L. de M. e (org.). *História da vida privada no Brasil: cotidiano e vida privada na América portuguesa*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.